



Discurso de Lorde Byron a respeito da repressão contra os Ludistas

Lord Byron's Speech about repression against the Luddites¹

Luccas Eduardo Maldonado

Mestrando em História
Universidade de São Paulo – USP
luccas_eduardo@hotmail.com

Recebido em: 21/11/2017

Aprovado em: 16/03/2018

Laederefacile, mederidifficile

Apresentação: Lord Byron visto por baixo: nos caminhos de Edward Palmer Thompson

Edward Palmer Thompson mostrou-se como um dos expoentes mais notáveis entre os intelectuais que compuseram a primeira geração da *New Left Review*. Embora não o mais conhecido entre nós brasileiros, título irrecusável de Eric J. Hobsbawm, em escala global e em meio aos especialistas do ofício, garante um espaço especial dentro da plêiade dos historiadores. Notório pesquisador, capaz de mobilizar grande quantidade de documentos, também apresentou outras qualidades reflexivas que o singularizaram dentro de sua geração: exímio orador, proprietário de uma consciência social profunda e não conciliável, poeta e polemista, componentes de uma vida singular. A última dessas características provavelmente foi a que lhe fez mais conhecido, pela intensidade e força que se inseria nas querelas.

Na sua vida, teve inúmeras batalhas, uma das menos lembradas é a sua luta pelo fim do desenvolvimento das armas nucleares, como seu *fellow* da *New Left* Raymond Williams lembrou em “A Política do Desarmamento Nuclear” (WILLIAMS, 2015). Todavia, certamente as suas investidas mais importantes encontram-se materializadas nas suas duas principais obras: *The poverty of theory* e *The making of the English working class* (THOMPSON, 1981 e THOMPSON, 1987). O primeiro título trata-se, sinteticamente, de um longo texto destinado a criticar a presença das concepções estruturalistas dentro do pensamento britânico, divulgadas pelas obras de Perry Anderson e Tom Nairn nos anos 1960. Na leitura de Thompson, essa corrente de pensamento,

¹ BYRON, Lord. Frame Work Bill Speech (Feb. 1812. Spoken in the House of Lords. Feb. 27th.). In: **The Complete Miscellaneous Prose**. Editado por Andrew Nicholson. Oxford: Clarendon Press – Oxford University Press, 2002, p. 22-27.



originário do filósofo francês Louis Althusser, acarretaria uma leitura simplista da história, de forma economicista e mecanicista, que reforçaria as antigas posições stalinistas.

Os atritos entre o historiador britânico e o filósofo francês, conquanto muitas vezes tomassem formas ríspidas, não foi o confronto mais intenso que Thompson adentrou. Apesar das diferenças de difícil conciliação entre eles, é certo que ambos, no interim que media as respectivas posições, faziam uma apologia de concepções de esquerda;² são dois marxistas que, *inter alia*, possuíam profundas preocupações sociais. A questão é que E. P. Thompson atrincheira-se mais próximo de Louis Althusser, por exemplo, do que de Raymond Aron ou Friedrich Hayek. O primeiro marcado por um explícito antimarxismo, delimitando a produção de Karl Marx como “ilusão” (ARON, 1980, p. 249). O segundo por conceber qualquer forma de intervenção na economia como um pecado que levaria progressivamente a supressão democrática; nessa linha de pensamento, que acerca o socialismo do autoritarismo, postulou a Europa do pós-guerra como regimes que perderam liberdades democráticas devido ao tamanho excessivo de seus Estados (HAYEK, 2010).

O que se deseja com tal descrição é explicitar uma condição social que perpassa a Europa, especialmente a Inglaterra, a qual Thompson intensamente se defrontou. *The making of the English working class* não é simplesmente um estudo da história do movimento operário inglês; concebê-lo exclusivamente com uma narrativa é perder de vista uma qualidade notável do polemista. Mais precisamente, esvai-se a dimensão de um autor que, além de descrever, intenta uma perspectiva histórica: “*history from below*”. O revelo do fundador da *New Left Review* situa-se no seu horizonte de investigação que projeta colocar em primeiro plano, propondo um arranjo dentro de sua disciplina, a história daqueles que não está inscrita explicitamente nos Anais, ou melhor, a trajetória dos quais raramente foi pronunciada dentro da Câmara dos Lordes e dos Comuns, não obstante os seus destinos fossem ali diretamente remanejados.

Em seu país, Thompson confrontou-se com uma inteligência que dificilmente conceberia “a história da ‘gente comum’ ter sido algo além – e distinto – da História Inglesa Oficialmente Correta” (THOMPSON, 2001, p. 185). Um expoente notório dessa enfrentamento deu-se com John Ashton Cannon, conservador historiador britânico especialista em política parlamentar. Incitado por *Whigs and Hunters*, obra a qual Thompson (1987) analisa a expansão de parte das leis capitais inglesas no século XVIII, Cannon elaborou uma dura crítica ao trabalho na qual acusa o

² Utiliza-se as categorias esquerda e direita da maneira mais ampla possível neste texto: a tomar como eixo caracterizante as preocupações sociais, por um lado, e a liberdade de mercado, por outro. O autor está ciente dos riscos que tal superficialidade pode acarretar, no entanto, essa imprecisão ainda delimita alguns nuances do pensamento europeu que se mostram necessário para a argumentação proposta.



autor de não revelar as suas fontes e produzir um estudo mais comprometido com uma ideologia do que com o ofício científico. A réplica não tardou e nela se evidenciou contrastantes concepções históricas. Em suma, emplacava-se a defesa de uma perspectiva que *somente englobava as narrativas das elites político-econômicas do país* em contraste com outra que visava *integrar as populações não frequentadoras do parlamento e da aristocracia*, entende-se os operários, os camponeses, os pequenos comerciantes etc.³

No presente texto, não se pretende fazer uma extensa descrição dos caminhos intelectuais de Thompson diante do conservadorismo inglês, seria um intento muito pretensioso para tão poucas páginas. No entanto, deseja-se manejar um dos itinerários intelectuais desse historiador para se pensar as possibilidades de uso documental e analítico de um documento. No dia 27 de fevereiro de 1812, em uma das suas primeiras seções na Câmara dos Lordes, das poucas que frequentou, George Gordon Byron, mais conhecido como Lorde Byron, enunciou um discurso em defesa do movimento ludista. Desdobrava-se uma das raras oportunidades que, no interior da instituição mais aristocrática da Inglaterra, uma questão referente a condição de vida dos *from below* era inscrita na pauta.

No alto dos seus 24 anos, o escritor confrontava-se com o melhor de uma sociedade que, ao longo do século XIX, conquistaria possessões por todo o globo e um domínio incontestável no jogo político mundial. Despertava-lhe a indignação de que o seu país, em um momento de ascendência política e econômica, reservava medidas severas para alguns dos seus componentes mais importantes. O ápice do poder britânico expressou-se em muitas facetas, porém, pode-se entendê-las em grande parte como o uso extensivo de suas vantagens produtivas e militares nas relações internacionais a visar vantagens para a nação insular. As arbitrariedades despejadas diante de outros países, contudo, não garantiam condições mais igualitárias no seu próprio território. Na verdade, igualmente as mazelas despojaram-se em um jogo de classes, mais precisamente, o operariado inglês conheceu uma intensa exploração ao longo do século XIX. Situação que pode ser observada, por exemplo, por meio de dois textos clássicos,⁴ os quais possuem quase um século de diferença entre as suas datas de publicação, mas ainda assim apresentam uma percepção conciliadora a respeito dos mesmos eventos históricos, o já mencionado *The making of the English working class*, de Thompson, e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels.

O discurso de Byron circunscreve-se no princípio do XIX quando ocorria uma mudança qualitativa na produção. No âmbito econômico-social, pode-se elencar duas consequências

³ Para a réplica de Thompson, cf. Posfácio à Edição Peregrine (THOMPSON, 1987b.)

⁴ Sobre a mesma temática, cf. HOBSBAWM, 2000.



fundamentais desse processo: a primeira, o aumento da produtividade do trabalhador por meio da introdução de novas tecnologias; a segunda trata-se de um desenvolvimento da anterior, uma possibilidade que se abriu por meio dela, quer dizer, o incremento tecnológico fez possível o proprietário contratar menos empregados para sustar a sua demanda em consequência da menor necessidade de tempo para a elaboração de igual quantidade de produtos. Nesse processo, Karl Marx enxergou o fenômeno, por ele denominado, *exército industrial de reserva*. Em suma, tal conceito concebe que, em determinados tempos históricos, ocorrem aperfeiçoamentos nas forças produtivas responsáveis por acarretarem uma menor quantidade de capital variável, caso a expansão capitalista não se conjugue com as necessidades prévias de número de empregados.⁵ A introdução e o aperfeiçoamentos dos teares mecânicos no crepúsculo do XVIII e nos primeiros momentos do século XIX tratou-se de um desdobramento no qual é observável um melhoramento técnico desencadeador de uma ampliação do *exército industrial de reserva*.

Quando Byron fez sua intervenção em prol dos ludistas em 1812, Napoleão ainda não havia sido derrotado e o caos da Guerra Civil ainda se mostrava como um espectro, a elite governante inglesa por isso vivia atenta e temerosa com as práticas liberais e com medo do que vinha do outro lado da Mancha. O longo governo de Jorge III (1760-1820) caracterizou-se por uma constante disputa política e por instabilidades sociais; o crescimento do poder trazia consigo diversos problemas e desafios. Desde o século XVIII, o processo de modernização levado pelos *whigs*, que progressivamente instituiu legislações liberais, tornou cada vez mais a propriedade privada como um direito a ser garantido, avanços observados com constante oposição e relutância pelas classes conservadoras. O ascender da propriedade como bem jurídico dar-se-ia marcado pela constituição de uma série leis para defendê-la duramente. A Lei Negra de 1723 seria um dos exemplos, talvez o mais notório, a garantir esse movimento: promulgava a pena capital para mais de 50 delitos que ofendiam a propriedade.⁶ Naquele momento, aparentemente não seria tolerado duas coisas: afrontas às posses e ao *status quo*; algo que tanto os liberais, quanto os conservadores, concordariam. Em certa medida, essa condição acarretou nos primeiros momentos do XIX uma relação de histeria social. Configurava-se uma realidade policialesca – reuniões eram proibidas, portadores de cartazes

⁵ “o crescimento absoluto do capital está vinculado ao decréscimo absoluto de seu componente variável ou da força de trabalho por ele absorvida; em outras palavras, ora o capital continua a crescer sobre sua base técnica dada e trai força de trabalho suplementar em proporção ao seu próprio crescimento, ora ocorre uma mudança orgânica e seu componente variável se contrai: em todas as esferas, o crescimento da parte variável do capital, e, portanto, do número de trabalhadores ocupados, vincula-se sempre a violentas flutuações e à produção transitória de uma superpopulação, que esta adote agora a forma mais notória de repulsão de trabalhadores já ocupados anteriormente, quer a forma menos evidente, mas não menos eficaz, de uma absorção mais difícil da população trabalhadora suplementar mediante os canais habituais” (MARX, 2013, p. 705-706).

⁶ “O Estado britânico, concordavam todos os legisladores do século 18, existia para preservar a propriedade e, incidentalmente, as vidas e liberdades dos proprietários”. (THOMPSON, 1987b, p. 21-23).



eram presos, cafés fechados e artistas vigiados – devido aos constantes debates de cunho *whig*, dispostos em diversos panfletos despojados pelos centros urbanos, em favor da constituição de um sistema de pleito mais participativo, o qual levaria ao *Reform Act* de 1832.⁷

Byron encarou frontalmente essa transformação. Por um lado, a construção de um Estado disposto a conservar o privilégio dos seus membros e a manter rigorosamente as suas formas; contradição que levaria a frequentes despudores autoritários. Por outro, uma economia em transformação que reduzia os postos de trabalho dos operários têxteis devido a introdução dos teares mecânicos. A origem aristocrática do escritor não o fez pasmar de indiferença diante da situação. Dentro do parlamento, defendeu os despossuídos, mesmo por aqueles que optaram pelas formas mais radicais de protesto: a destruição dos teares. Como um aristocrata, detentor de terras e rendimentos, Byron nunca precisou trabalhar podendo, assim, dedicar-se ao ócio da escrita e a viajar pela Europa. Contudo, diferentemente do esperado, a etiqueta de um *gentleman* não lhe pareceu adequada, desviou, traiu, o padrão de sua classe a defender o proletariado. Todavia, é preciso dimensionar a figura de Byron dentre desse complexo arranjo social. Trata-se de um indivíduo singular, não foi somente um defensor esporádico dos problemas dos operários, porém, um homem que foi compreendido como uma ameaça para o seu país.

Componente da segunda geração romântica, provavelmente o maior expoente britânico, Byron angariou o descrédito, a repulsa, de duas formas distintas: por sua arte e por suas concepções políticas. No primeiro âmbito, foi concebido como uma dândi que expressava a decadência moral de sua época. Afeito a festas e aos despudores ofendeu as elites aristocráticas e religiosas. Em certa medida, as suas obras teatrais *Don Juan* e *Cain* tinham a capacidade de reunir em si todas as qualidades repudiadas por esses grupos.⁸ No segundo domínio, as suas posturas políticas levaram-lhe a ser considerado como um componente de uma “*Satanic School*”. Admirador de figuras republicanas como Napoleão, Washington, Bolívar, acreditava no avanço das ideias iluministas como um processo irreversível; intuição que lhe fez lutar na guerra de libertação grega. Inclusive, chegou a ser considerado um amigo, um concidadão, de Thomas Paine; escritor e revolucionário britânico, provavelmente o mais divulgador desses ideais em sua época, que esteve profundamente envolvido com as Revoluções Francesas e Americana e com a defesa do deísmo.⁹ Descaminhos de uma pária, ou melhor, de um Lorde, que renunciou ao próprio castelo.

⁷ David Erdman, estudioso de Byron do início do século XX, realça a necessidade de se conhecer o contexto da época para se compreender os escritos de Byron e de outros literatos. “For the literary historian to interpret this era correctly it is important to envisage with what persistent hysteria all liberal publishers, poets, and bill-posters were watched by alarmists both ministerial and self-appointed throughout the years before the Reform Bill”. (ERDMAN, 1947, p. 234).

⁸ Para mais informações sobre os escritos de Byron diante do conservadorismo de sua época, cf. ROBERTSON, 1976.

⁹ Para mais informações sobre as posições de Byron diante da sociedade de sua época, cf. ERDMAN, p. 234.



Subir na tribuna para defender o direito dos trabalhadores ludistas radicalizados em uma época na qual a propriedade privada e o policiamento tornavam-se cada vez mais, respectivamente, imaculável e extensivo revela os traços de um indivíduo disposto a romper com o casuístico. A indignação que lhe motivou o discurso, marcado ora pela incisão, ora pela ironia, derivou do avanço de um projeto de lei que instituía a pena de morte àqueles que destruíssem teares, *Frame Breaking Act* – outra legislação a instituir a execução para crimes que ferissem a propriedade. O ludismo é um fenômeno histórico que fundamentalmente foi tratado de duas formas pelos autores não acadêmicos: ou como um movimento orgânico; ou como um intento rapidamente derrotado e sem sucesso algum. Conforme Hobsbawm (1952) enunciou, tal visão trata-se de uma perspectiva generalizadora, porquanto pasma um fenômeno que, na prática, se deu de maneira muito mais múltipla.¹⁰ O ludismo em si é um acontecimento preciso que se insere, sem conexões necessárias, dentro de uma prática mais ou menos comum na organização do capitalismo industrial: a destruição dos melhoramentos técnicos por parte dos trabalhadores. Hobsbawm conferiu a existência de uma série de “quebradores de máquinas” naquele período e em alguns países. A questão é que os ludistas tornar-se-iam um exemplo notório da prática. Isso, pois, foram um dos principais desencadeadores do *Frame Breaking Act* e por terem sido repetidamente lembrado por escritores e artistas. Além disso, a sua narrativa, foco de diversas disputas, conta com diversas peculiaridades que lhe conferem atenção. Por exemplo, a própria existência do líder do movimento, Ned Ludd, nunca teve existência provada; na realidade, apresenta ser uma construção associada, distantemente, a outro mito, Robin Hood, uma vez que ambos teriam uma origem comum na floresta de Sheerwood. Interessantemente, Lorde Byron morou em Newstea Abbey, nas proximidades da mesma floresta a partir de 1808 (ALARCÃO, 2010).

Byron por três vezes pronunciou-se publicamente em defesa dos operários ludistas. Em 27 de fevereiro de 1812, discursou na Câmara dos Lordes, o mais representativo dos seus intentos nesse sentido. Alguns dias depois, em 2 de março, publicou uma poesia, *An Ode to the Framers of the Frame Bill*, no periódico *Morning Chronicle*, realizando nova apologia. Alguns anos depois, em dezembro de 1816, a sua consciência não havia deixado de se dobrar sobre essa causa, uma vez mais dedicaria sua pena para os mesmos fins com *Song for the Luddites*. As suas investidas, no entanto, não muito adiantariam; pouco se debateu o *Frame Breaking Act* dentro do parlamento, pois, sê-lo-ia promulgado em 5 de março de 1812, a despeito do escritor inglês.

¹⁰ “In the first place, Luddism, treated as a single phenomenon for administrative purposes, covered several distinct types of machine-breaking, which for the most part existed independently of each other, both before and after. In the second place the rapid defeat of Luddism led to a widespread belief that machine-breaking never succeeded”. (HOBSBAWM, 1952, p. 57).



O discurso de Byron é uma fonte privilegiada para se observar parcialmente o contexto de uma época. Diante dela, a perspectiva de Thompson de *history from below* pode mostrar-se interessante e reveladora. Uma fonte, originária das elites, capaz de esmiuçar a respeito do destino daqueles que não ocupam a “história oficialmente correta”. Com ela, observa-se que os caminhos ingleses não são essencialmente parlamentares e monárquicos, conforme uma historiografia conservadora parece realçar nos seus textos. De dentro do parlamento, Byron preocupa-se com a causa daqueles que não ocupam nenhuma cadeira legislativa, mas que estão tendo os trajetos remanejados naquele espaço.

A crítica vinda de um *fellow*, de pessoas que possuem opiniões mais ou menos consoantes, não costumam despertar tantas paixões como a originária de um detentor de distintas colorações políticas, apesar de haver exceções. Thompson sentia a necessidade de responder todas elas, em vez de silenciar, porém, dedicou especial atenção para aquelas originárias dos âmbitos mais conservadores, como fez com Cannon. Tal conduta coloca uma questão em evidência: deve-se prestar muita atenção naqueles os quais estão mais distantes de suas opiniões. Por sê-las tão divergentes, podem revelar aspectos pouco esperados. Nessa esteira, a historiadora norte-americana Gertrude Himmelfarb, legionária do neoconservadorismo, merece ser invocada. Erudita e profunda conhecedora da historiografia, não se trata de uma pesquisadora a ser desconsiderada, seus trabalhos apresentam qualidades raras.

Em “History With the Politics Left Out”, Himmelfarb realiza uma revisão crítica extremamente interessante com o que delimita como Terceira Geração dos Annales e New Left, capaz de problematizar algumas dobras interpretativas por meio do discurso de Byron. Essas linhas historiográficas, desdobradas a partir dos anos 1960, colocaram em evidência um viés histórico que realçou o lado social das relações humanas de um conjunto específico de indivíduos; mais precisamente, dispõem em primeiro plano uma narrativa debruçada nas relações cotidianas daqueles que estão nas margens dos macroprocessos econômicos e políticos. Himmelfarb (1987)¹¹ não concebe tal orientação como um problema em si, não deixa de abdicar que é necessário, contudo, identificar nela uma hegemonia problemática. Muitas vezes os ídolos são condenados pelas obras dos seguidores; é factível criticar as posturas de Jesus a partir das desventuras de João e Paulo? A indagação é de difícil resposta independentemente do caso, seja dos historiadores, seja dos religiosos, existem diversos pontos envolvidas que nem sempre contam com uma racionalidade evidente. Todavia, realça algo: os grandes nomes são os primeiros a serem lembrados

¹¹ Existe uma tradução desse texto em: NOVAIS, 2013.



independentemente da situação.

A perspectiva de *history from below* elaborado por Thompson, como conceito refinado que é, traz em si possibilidades múltiplas de interpretação. Rotas que seriam exploradas com o passar do tempo; nesse sentido, pode-se identificar duas matizes principais. Uma que é mais fiel aos escritos de Thompson e outra menos. A mais conjugada nunca se afastou da noção de que a história “dos de baixo” possui profunda relação com os “de cima”; não perde de vista os regimes de classe e/ou outras formas de exploração que caracterizam a sociedade. Conforme o próprio intelectual britânico enunciou, “a classe é uma relação, e não uma coisa” (THOMPSON, 1987a, p. 11), dessa forma, há de se ter em mente a burguesia para se estudar o proletariado; na sua conjugação a categoria faz sentido. Por exemplo, os livros *The making of the English working class* e *Whigs and Hunters* jamais perderam de vista as condutas dos burgueses, dos conservadores e das ações parlamentares diante da vida dos despossuídos. A linhagem menos conjugada, que talvez seja melhor compreendida a partir do prisma das produções dos Annales, traz uma leitura que renunciou a preocupação com as elites para se focar exclusivamente na descrição das populações marginalizadas. É a expressão de uma história preocupada exclusivamente com o cotidiano, com a vida privada, com a vida de um moleiro, com a afirmação das identidades etc.

Himmelfarb reconhece a hegemonia da segunda acepção interpretativa e revela os seus ricos. Conservadora, é ciente do poder que o Estado e como ele atravessa as vidas. Por isso, faz um alerta para não se perder de vista a dimensão política formal da análise histórica. Ela está defendendo, não uma narrativa marcada pelo elitismo da trajetória dos reis e dos grandes homens, mas da autoridade da força estatal e dos grandes processos capazes de remodelarem existências. Dispõe que muitas vezes para a história humana não é a duração, porém, o poder de ruptura de estruturas. Apesar de suas diferenças, com um atlântico entre eles, a historiadora americana não está tão distante do inglês nesse ponto. Na verdade, Himmelfarb mira um ídolo e acerta os seus adoradores; pensa em um professor e se refere aos seus leitores mais entusiasmados.

A presente edição da *Revista Temporalidades* traz, pela primeira vez em português, a apologia dos ludistas realizada por Lord Byron em fevereiro de 1812 na Câmara dos Lordes. Sem título próprio, foi informalmente nomeado pelo editor britânico como “Lord Byron’s Speech about repression against the Luddites”. O texto foi convertido a partir da edição da Clarendon Press, da Universidade de Oxford.¹² Trata-se de um interessante documento que poderá trazer para o leitor brasileiro a perspectiva de uma época e de como o operariado inglês teve os seus rumos retalhados

¹² “Frame Work Bill Speech (Feb. 1812. Spoken in the House of Lords. Feb. 27th.)” (BYRON, 2002, p. 22-27).



pela ingerência parlamentar, contudo, não sem resistência, inclusive por um componente de sua própria classe. Um olhar para baixo sem perder de vista, a estabelecer relações de classe como Thompson advertiu, a disputa de interesses e poderes que perpassam a política e recortam a existência de mulheres e homens. A presente tradução originalmente estava sendo realizada para ser entregue a Luiz Alberto Moniz Bandeira que, na juventude traduzira e escrevera sobre Byron, e desejava volver ao poeta muitas décadas depois; possivelmente redigiria um ensaio ou um livro a respeito do aristocrata e a tradução entraria como um anexo – roteiro que o autor dessas linhas fez repetidas vezes junto do intelectual. No entanto, no decorrer de sua elaboração, Moniz Bandeira veio a falecer em 10 de novembro de 2017. Os textos aqui apresentados tratam-se de uma homenagem, *in memoriam*, a Moniz Bandeira. Uma tímida parte de um trabalho que infelizmente não poderá ser feito.

Tradução de “Lord Byron’s Speech about repression against the Luddites”(Discurso de Lorde Byron a respeito da repressão contra os Ludistas)

Meus Senhores,

A questão agora submetida, pela primeira vez as vossas senhorias, embora nova na Câmara, não é nova no país de modo algum. Acredito que todos tenham sobre ela ponderado cuidadosamente muito antes de sua introdução a apreciação no Legislativo, cuja interferência poderá ser de grande contribuição. Como sou uma pessoa em certa medida em contato com o sofrimento do condado, não obstante infamiliar, caracterísitca válida não somente para esta Casa de modo geral, mas também para quase todos os indivíduos cuja atenção presumo solicitar, peço a tolerância de vossas senhorias enquanto ofereço algumas observações sobre a questão a qual confesso eu mesmo estar profundamente interessado.

Seria desnecessário aprofundar-me nos detalhes desses tumultos. A Câmara já está consciente da afronta cometida que levou ao derramamento de sangue, de que os proprietários das máquinas de tear são ofensivos aos revoltosos e de que todas as pessoas supostamente conectadas a tais aparelhos foram sujeitas a insultos e a violência. Durante o curto período de tempo que passei recentemente em Notts, não houve doze horas sem um novo ato de violência; no dia em que deixei o condado, fui informado da destruição de quarenta teares, os quais haviam sido quebrados na noite anterior, como de costume, sem resistência e sem suspeitas.

Tal era então a situação naquela terra que tenho razões para acreditar no que acredito neste momento. Enquanto admitirem a existência desses ultrajes em extensão alarmante, não se poderá



negar que essas circunstâncias surgiram de angústias sem paralelo. A perseverança desses homens miseráveis nas suas condições tende a provar que, nada além da necessidade absoluta, poderia ter conduzido uma grande parte, uma vez honesta e trabalhadora, dessas pessoas à prática dos excessos, tão perigosa para consigo, para suas famílias e para sua comunidade. Naquele momento que aludo, o condado e a terra estavam sobrecarregados de destacamentos militares, a polícia estava em movimento e os magistrados reunidos. Todavia, todos esses atos, civis e militares, não levaram a nada. Em nenhuma instância, ocorreu apreensão de nenhum verdadeiro delinquente – contra o qual haveria evidência legal suficiente por convicção. No entanto, a polícia, por mais inútil que fosse, não estava de modo algum ociosa: vários delinquentes notórios foram identificados. Homens sujeitos à condenação, com as mais claras evidências, do crime capital da pobreza; homens que foram culpados de nefastamente gerar legalmente muitas crianças, graças aos tempos!, que não seriam capazes de sustentar.

Prejuízo considerável foi causado aos proprietários dessas máquinas melhoradas. Elas eram para eles uma vantagem, na medida em que suplantaram a necessidade de empregar uma série de trabalhadores, os quais conseqüentemente foram deixados para morrer de fome. Com a adoção de um tipo específico de máquina de tear, um homem faz o trabalho de vários homens e os trabalhadores desnecessários acabam desempregados. Deve ser observado que esse novo trabalho se executa com qualidade inferior, pois, não é para ser comercializado domesticamente, porém, meramente feito com pressa para a exportação. Chamou-se tal condição, no espaço do comércio, de *Spider-work*. Os rejeitados homens trabalhadores, na cegueira de sua ignorância, em vez de reconhecerem essa melhoria nas técnicas tão benigna para a humanidade, concebiam a si mesmos como sacrificados em prol das melhorias mecânicas. Na ingenuidade dos seus corações, eles imaginaram que a preservação e o bem-estar dos pobres esforçados eram, na verdade, mais importantes do que o enriquecimento de alguns indivíduos que, pelo aperfeiçoamento nos implementos do avanço tecnológico, lançaram os trabalhadores ao desemprego e impediram a contratação de outros.

Deve-se também confessar que, durante o período de prosperidade de nosso país, se operou uma condição privilegiada na economia que possibilitou a adoção de máquinas maiores capazes de beneficiar o mestre sem prejudicar o servo. No entanto, na situação atual de nossas manufaturas, com itens apodrecendo nos armazéns sem perspectivas de exportação e com demanda por trabalho e trabalhadores reduzindo, os teares mecânicos tendem a agravar materialmente as angústias e os descontentamentos dos sofrendores desapontados. Mas, a verdadeira causa dessas angústias e desses distúrbios deve-se a conseqüências mais profundas.



Quando nos é dito que esses homens estão reunidos, não só por causa da destruição de seu próprio conforto, mas também pela destruição de seus próprios meios de subsistência, podemos nos esquecer que foi a política amarga, a guerra destrutiva, dos últimos 18 anos que destruiu o seu conforto, o vosso conforto, o conforto de todos os homens? A política originária de "Grandes estadistas que não existem mais" sobreviveu aos mortos para se tornar uma maldição sobre os vivos até a terceira e a quarta geração!

Aqueles homens nunca destruíram os seus teares até que eles se tornassem inúteis, piores do que inúteis; na verdade, até que as máquinas se tornassem impedimentos nos seus esforços de obterem os seus pães diários. Podeis então se perguntar: em tempos como estes, quando falência, fraude e crime impugnado são encontrados em posições não muito abaixo que de vós Lordes, o mais baixo, embora uma vez pertencente à parte mais útil dos homens, poderia na sua angústia esquecer o seu dever e assim se tornar menos culpado do que um de seus representantes?

Enquanto o ofendido pode encontrar meios para confundir a lei – novas penas capitais devem ser planejadas, novas armadilhas de morte disseminadas –, o miserável mecânico está faminto na sua culpa. Aqueles homens estão dispostos a cavar, mas a pá está em outras mãos; eles não tinham vergonha de implorar, mas não havia ninguém para aliviá-los. Os seus próprios recursos de subsistência foram cortados; todos os outros empregos estavam ocupados; os seus excessos, por mais que sejam deploráveis e condenáveis, dificilmente poderiam ser objeto de surpresa.

Afirmou-se que as pessoas momentaneamente responsáveis pelos teares foram coniventes com a sua destruição. Para tal condição ser provada em um inquérito, seria necessário que os materiais utilizados no crime fossem apresentados como indícios para a punição. Porém, eu esperava que qualquer medida proposta pelos Lordes do Governo de Sua Majestade fosse fundamentada nessas bases; ou, caso isso fosse impossível, algum inquérito preliminar, alguma deliberação, fosse requisitada: não que fôssemos chamados imediatamente, sem exame e sem causa, para passarmos a sentença por atacado e assinarmos garantias de morte com os olhos vendados.

Todavia, admitindo que aqueles homens não tivessem motivos de queixas, que as suas e as dos seus empregadores estivessem igualmente sem fundamentos, eles então mereceriam o pior. Qual ineficiência, qual imbecilidade, foi escolhida como método para reduzi-los! Por que os militares gritaram para serem ridicularizados se eles foram invocados? Não obstante a diferença de temporadas, eles apenas parodiaram a campanha de verão do Major Sturgeon. De fato, todos os procedimentos, civil e militar, pareciam compostos nos modelos do Prefeito e da Corporação de Garrett. Tais marchas e contramarchas! De Nottingham a Bulnell – de Bulnell a Bareford – de Bareford a Mansfield! Quando finalmente os destacamentos chegaram ao seu destino, com todo



orgulho, pompa e circunstância de guerra gloriosa, chegaram apenas em tempo de testemunhar o mal que fora feito, verificar a fuga dos perpetradores, coletar as *spolia opima* nos fragmentos de teares quebrados e retornar aos seus quartéis no meio do escárnio de velhas mulheres e das vaias de crianças.

Embora estejamos em um país livre, dever-se-ia desejar que nossos militares não fossem nunca tão formidáveis, no mínimo, conosco. Eu não suporto ver a vigilância sendo colocada em situações nas quais somente pode fazer o ridículo. A espada é o pior argumento que pode ser utilizado, então, deveria ser o último. No caso dos trabalhadores, usá-la foi a primeira escolha, porém, providencialmente somente se usou a bainha ainda. A presente medida irá, de fato, arrancá-la da bainha. Foram realizadas reuniões adequadas nos primeiros estágios das revoltas – as queixas desses homens e de seus mestres (eles também tinham as suas) foram razoavelmente pesadas e justamente examinadas. Penso que isso poderia ter sido ponderado para se restaurar as ocupações desses trabalhadores e a tranquilidade da região. No presente, ela sofre por causa de uma dupla aflição: alguns militares ociosos e uma população faminta.

Em que estado de apatia temos sido mergulhados por tanto tempo que agora, pela primeira vez, a Câmara foi oficialmente informada desses distúrbios? Tudo aconteceu a cento e trinta milhas de Londres. Enquanto isso, bons homens!, julgávamos cheio de certeza que nossa grandeza estava amadurecendo e sentávamos para desfrutar nossos triunfos estrangeiros no meio da calamidade doméstica. No entanto, todas as cidades que vós tomastes, de todos os exércitos que recuaram perante vossos líderes, não são senão temas insignificantes de autocongratulação, se vossa terra se divide contra si mesma e se vossos *dragoons* e vossos carrascos agem impunemente contra vossos concidadãos.

Vós chamais esses homens de uma multidão de enraivecidos, desesperados, perigosos e ignorantes. Pareceis pensar que a única maneira de silenciar a *Belluamultorum Caputum* é decepar algumas das suas cabeças supérfluas. Mas, mesmo uma multidão pode ser levada à razão por meio de uma mistura de conciliação e firmeza, em vez de mais irritação e penas. Estamos conscientes de nossas obrigações para com a multidão? É ela que trabalha em vossos campos e serve as vossas casas. Homens de vossa marinha e recrutas de vosso exército. Esses que vos permitem desafiar o mundo e também podem vos desafiar, quando a vossa negligência e a calamidade os conduzem ao desespero.

Podeis chamar as pessoas de uma multidão enraivecida, porém, não se esqueceis de que uma multidão muitas vezes expressa o sentimento do povo. Nesse ponto, devo comentar que com a espontaneidade que estais acostumados a socorrer a vossos aliados aflitos, acabais deixando os



angustiados de vosso próprio país aos cuidados da Providência ou – da paróquia. Quando os portugueses sofreram com o recuo dos franceses, cada braço foi esticado, cada mão foi aberta. Da generosidade do homem rico às luvas da viúva, tudo foi concedido para lhes permitirem reconstruir suas aldeias e reabastecer seus celeiros. Neste momento, quando milhares de compatriotas equivocados e infelizes estão lutando com os extremos das dificuldades e da fome, a vossa caridade começa no exterior, porém, deveria encerrar em casa. Uma soma muito menor – um dízimo da recompensa concedida a Portugal –, mesmo que esses homens (que não posso admitir sem indignação) não pudessem ser reconduzidos aos seus empregos, tornariam desnecessárias as ternas misericórdias da baioneta e da forca. Todavia, sem dúvida, os nossos fundos têm muitas reivindicações estrangeiras para admitir, a vez de uma perspectiva de alívio doméstico – embora nunca esses a eles recorram.

Atravessei uma zona de combate na península, estive em umas das províncias mais oprimidas da Turquia; porém, desde o meu retorno, nunca vi tamanha miséria bem no coração de um país cristão, mesmo sob o mais despótico dos governos dos infieis. Quais são seus remédios? Depois de meses de inação e meses de ações piores do que a inatividade, surgem um grande número de estadistas, os nossos infalíveis médicos dos dias de Draco até o presente. Depois de sentir o pulso e desaprovarem o paciente, prescreve água morna e sangrias – a água morna da sua insípida polícia e as sangrias das lancetas de seus militares. Essas convulsões devem terminar em morte, a certeza da consumação das prescrições de todos os sangramentos políticos.

Deixando de lado a palpável injustiça e a certeza da ineficácia do projeto de lei, não há penas capitais suficientes em vossos estatutos? Não há sangue suficiente em vosso código penal? O que mais deve ser derramado para ascender ao céu e testemunhar contra vós? Como ides colocar essa lei em vigor? Podeis condenar um condado inteiro às suas próprias prisões? Ergueréis uma forca em cada campo para enforcá-los como espantalhos? Ou procedereis (como deveis para implementar essa medida) com a dizimação, colocando o país sob lei marcial. Despovoando e destruindo tudo ao seu redor. Restaurando a floresta de Sherwood à sua condição anterior, de território de caça real e de asilo para foras da lei, para, então, apresentá-la como um presente para a coroa? Essas são as soluções para uma população faminta e desesperada? Será que o miserável faminto que enfrentou suas baionetas ficará intimidado com suas forcas? Quando a morte é o único alívio concedido, ele será coagido tranquilamente? Aquilo que não poderia ser executado pelos vossos granadeiros será executado pelos vossos carrascos? Se prosseguis pelas formas de lei, onde estão as provas? Aqueles que se recusaram a acusar seus cúmplices quando a deportação foi o castigo, dificilmente serão tentados a testemunhar contra quando a morte for a pena.



Com todo o respeito aos nobres Lordes, penso que uma pequena investigação, algum inquérito prévio, induzir-vos-á a mudar vosso propósito. Essa medida estatal preferida, tão maravilhosamente eficaz em muitos e recentes casos, não traria vantagem desta vez. Quando uma proposta é feita para emancipar ou aliviar, vós hesitais, deliberais por anos, temporizais e manipulais as mentes dos homens; mas, uma pena capital deve ser aprovada sem se pensar nas consequências. Claro que estou, a partir do que vi e ouvi, na posição de que passar o projeto de lei nestas circunstâncias existentes, sem indagação, sem deliberações, seria apenas adicionar injustiça à irritação e barbaridade à negligência. Os redatores de tal projeto de lei devem estar satisfeitos em seguir a tradição de um legislador ateniense cujos editos foram ditos para serem escritos, não em tinta, mas em sangue. Todavia, suponhais que a lei seja aprovada. Então, suponhais um desses homens, como eu os vi emagrecer pela fome, amedrontado de desespero. A desvalorização de uma vida que vossas excelências estais prestes a depreciar a um preço menor do que de um tear mecânico. Suponhais que esse homem esteja cercado por aquelas crianças às quais ele não consegue mais prover o pão no perigo de sua existência. Prestes a ser separado para sempre da família que, até então, conseguiu sustentar e que, não por sua culpa, não consegue mais fazê-lo. Suponhais que esse homem – há dez mil entre os quais podeis selecionar a vossa vítima – foi arrastado ao tribunal para ser julgado pela nova ofensa, por essa nova lei. Haverá duas coisas que faltam para condenação. Serão essas, na minha opinião, doze açougueiros como um júri e um Jefferies para um juiz!

Referências bibliográficas:

- ALARCÃO, Miguel. “Byron Nosso Contemporâneo: Uma Fantasia Ludita”, In: ALARCÃO, Miguel; ZULMIRA, Maria. **O Rebelde Aristocrata**. Nos 200 anos da Visita de Byron a Portugal (orgs.). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, 2010.
- BYRON, Lord. **The Complete Miscellaneous Prose**. Editado por Andrew Nicholson. Oxford: Clarendon Press – Oxford University Press, 2002, p. 22-27.
- ARON, Raymond. **O Ópio dos Intelectuais**. Brasília: Ed. UnB, 1980.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ERDMAN, David V. Byron and Revolt in England. **Science & Society**, vol. 11, n. 3, 1947.
- HAYEK, F. A. **O Caminho da Servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- HIMMELFARB, Gertrude. History With the Politics Left Out, In: **The New History and the Old: Critical Essays and Reappraisals**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987.



HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. The Machine Breakers. **Past & Present**, n. 1, 1952.

MARX, Karl. **O Capital**: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogerio F. da. **Nova História em perspectiva**: volume dois. São Paulo: CosafNaify, 2013.

ROBERTSON, Michael. The Byron of Don Juan as Whig Aristocrat. **Texas Studies in Literature and Language**, vol. 17, n. 4, 1976.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

THOMPSON, E. P. A História Vista de Baixo. In: **As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Senhores & Caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.